

Caderno de resumos. Cuaderno de resúmenes. Abstracts Booklet

31^o

Simposio Anual
ICOFOM LAC

46^o

Simposio Anual
ICOFOM



Cuaderno de resúmenes del XXXI Encuentro del ICOFOM LAC:

Histórias da museologia latino-americana e caribenha: sujeitos, diversidade e pluralidade de experiências

Caderno de resumos do XXXI Encontro do ICOFOM LAC:

Histórias da museologia latino-americana e caribenha: sujeitos, diversidade e pluralidade de experiências

Abstracts booklet of the 31st ICOFOM LAC Meeting:

Histories of Latin American and Caribbean museology: subjects, diversity and plurality of experiences

Compilación /compilação / compilation: ICOFOM LAC

Diseño gráfico del cuaderno / design do caderno / booklet design: Melissa Aguilar

Diseño del arte del evento / design da arte do evento / artwork design for the event: William Cummins

Junta diretiva del ICOFOM LAC/ Diretoria do ICOFOM LAC / ICOFOM LAC Board (2020-2023)

Presidente / Chair: Luciana Menezes de Carvalho (Brasil)

Vice-Presidente / Vice Chair: Scarlet Galindo (México)

Olga Nazor (Argentina)

Ana Burró (Paraguay)

Anabella Coronado (México)

Carlos Vásquez (México) – in memoriam

Elisa Beatiz Mencos Quiroa (Guatemala)

Hugo Calle Forrest (Chile)

Manuelina Maria Duarte Cândido (Brasil)

Melissa Campos Solorzano (El Salvador)

Natalie McGuire-Batson (Barbados)

Raquel Pontet (Uruguay)

Vinícius de Moraes Monção (Brasil)

Consultoras permanentes / permanent advisory:

Lucía Astudillo Loor (Ecuador)

Nelly Decarolis (Argentina)

Teresa Scheiner (Brasil)

ISBN: 978-2-491997-83-0

La colección “Cuaderno de resúmenes” reúne, con un espíritu inclusivo, el conjunto de contribuciones que han sido enviadas, bajo la forma de artículos breves, a fin de preparar el encuentro del ICOFOM LAC. Esta publicación se pone a disposición muy poco tiempo antes del evento. A pesar del cuidado dado a la publicación, puede tener algunos pequeños errores. La revisión final de los textos posterior a las evaluaciones es responsabilidad exclusiva de los autores.

A coleção “Caderno de resumos” reúne, a partir de um espírito inclusivo, o conjunto de contribuições que foram enviadas, sob a forma de artigos breves, com o objetivo de preparar o encontro do ICOFOM LAC. Essa publicação fica disponível pouco tempo antes do evento. Apesar do cuidado dado à publicação, pode conter alguns pequenos erros. A revisão final dos textos após as avaliações é da exclusiva responsabilidade dos autores.

The “Abstracts Booklet” collection brings together, in an inclusive spirit, all the contributions that have been sent in the form of short articles, in preparation for the ICOFOM LAC meeting. This publication has been made available before the meeting, in a very short time frame. Despite the care given to the publication, some mistakes may remain. The final revision of the texts after the evaluations is the sole responsibility of the authors.

QUAIS MUSEUS NA CIDADE X QUAIS CIDADES NO MUSEU? ASPECTOS DA CONTRIBUIÇÃO DE ULPIANO BEZERRA DE MENESES À MUSEOLOGIA BRASILEIRA

POSSAMAI, Zita Rosane
Instituição: UFRGS
zitapossamai@gmail.com

Depois de caminhar pelas ruas e lugares de uma cidade desconhecida, qual o melhor local para conhecê-la um pouco mais? Esta comunicação almeja analisar a contribuição para a Museologia de Ulpiano Bezerra de Meneses, a partir do texto *O museu na cidade x a cidade no museu: para uma abordagem histórica dos museus de cidade* (Meneses, 1985). No primeiro escrito, o autor tece uma crítica ferina aos “museus de cidade” que se colocam como ilhas de calmaria no turbilhão urbano do qual fazem parte e parecem ignorar. Nas suas palavras:

“Na verdade, porém, ilhas de calmaria no turbilhão agitado da história, a quase totalidade dos nossos “museus de cidade” recompõe, num passado mítico e nostálgico, a ordem no caos urbano, oferece pressurosamente a leitura simplificadora e monovalente das contradições históricas – e assim educam. Nos museus de cidade, a sociedade se representa a si mesma como coisa já feita, acabada, pronta, portanto estável e imune a mudanças, vacinada contra o contágio histórico: é a “ilusão social essencial” de que trata Georges Balandier.” (Meneses, 1984, p. 198).

Segundo Meneses, um museu de cidade, antes de mais nada, necessita estabelecer uma relação com seu objeto, a cidade, a ser concebida como artefato, portanto vetor de relações sociais. Nesse sentido, um museu de cidade não poderia se furtar de abordar as questões urbanas que compõem a vida cidadina, tais como falta de moradia, violência, marginalização urbana, especulação imobiliária, as quais podem ser acrescentados movimentos sociais e culturais, racismo, destruição do patrimônio ambiental urbano, precarização do trabalho, crimes de feminicídio, lgbtfobia, entre muitas outras possibilidades. As indagações centrais de seu artigo residem, pois, no que considera o “ponto nevrálgico” desdobrado em dois níveis: qual a cidade (realidade) que o museu referencia e que tipo de vínculo o museu tem com essa cidade. Nessa perspectiva, o autor indica a presença no museu da “cidade como forma, como lugar de forças sociais e como imagem”. Em muitos casos, as coleções desses museus de cidade, alguns denominados museus municipais restringem-se à celebração de memórias de personagens políticos ou considerados relevantes localmente, cujos exemplos são muitos (Possamai, 2001; Possamai & Jaegger, 2020). Para contornar esse desafio e poder conformar um acervo ligado ao objeto de um museu de cidade, o autor aponta a necessidade de distinção

entre um acervo institucional e um acervo operacional. O primeiro deveria alargar seus horizontes para os objetos prosaicos, banais, anônimos, que podem oferecer pistas sobre processos históricos urbanos, além de ser composto por material arquivístico, iconográfico (maquetes, fotografias, pinturas, maquetes, etc) e audiovisual (depoimentos, filmes, etc). O acervo operacional constituir-se-ia da cidade propriamente dita, composta por paisagens, lugares, monumentos. Desse modo, o autor imagina o patrimônio ambiental urbano como território e campo de atuação do museu, no sentido proposto por Hugues de Varine-Bohan de um museu “estilhaçado”, modo como foi concebido o Ecomuseu de Le-Creusot Montceau, onde os habitantes mais que visitantes são agentes do museu. Aqui, cumpre indagar o mestre se tal proposta não seria inexequível para museus de cidade de porte médio a megalópoles, sendo alcançável apenas para pequenos municípios, a exemplo daqueles da região francesa onde surgiu a primeira experiência de ecomuseologia. Talvez os museus de cidade maiores pudessem operar a partir de exercícios circunscritos a bairros ou mesmo pequenas regiões, a exemplo dos museus comunitários e museus de vizinhança. Contudo, o autor aponta ainda outros aspectos a serem contemplados por um museu de cidade, pois seu texto se propõe a pensar diretrizes para um museu da cidade de São Paulo: mundo do trabalho; habitação; obras de infraestrutura e equipamentos urbanos; monumentos. Observa-se que “mundo do trabalho”, ao lado de “Imaginário” e “Cotidiano e Sociedade” configurar-se-iam nas linhas de pesquisa e de aquisição de acervo do Museu Paulista, quando nos anos posteriores o autor foi seu diretor, diretrizes que norteiam a instituição há 30 anos. Essa contribuição de Meneses para tornar efetiva a cidade como objeto dos museus desta tipologia, apontou-me ainda para a necessidade que tem os museus de todas as tipologias de problematizarem o contexto urbano no qual estão mergulhados. Muitas vezes os museus estão sediados em edifícios monumentais, quase sempre considerados patrimônios nacionais, estaduais ou municipais, inseridos na história urbana e a qual contribuem para elaborar uma determinada forma e imagem, sem que aos públicos sejam oferecidos elementos que os capacitem a compreender esse contexto. Adentra-se um cenário, isolado por mecanismos expográficos para não interferir na apreciação da obra, sem que minimamente se conheça o contexto no qual o museu está inserido. Não seria também tarefa de todos os museus, proporcionar aos públicos o conhecimento de sua própria história e de sua inserção urbana? Seja um monumento histórico preservado ou um novo edifício projetado especialmente para o museu, não seria importante o museu educar nessa questão? Em tempos de crise climática, os museus poderiam furtar-se de abordar os riscos que afligem a humanidade e que a vida nas cidades se constitui em um dos componentes da destruição ambiental, com a poluição atmosférica e das águas, a não destinação adequada de resíduos, entre outros elementos? Talvez essa indagação possa dialogar com outro escrito do autor, no qual ele propõe que a educação em museus esteja voltada para a formação crítica e para a construção de conhecimento, a partir da centralidade da cultura material. Nesse sentido, a cidade artefato, bem como o edifício e as coleções, passa a figurar nas preocupações do museu no diálogo com seus públicos. Indagações como: o percurso da casa até o

museu; os estranhamentos suscitados; as relações entre centro e periferia seriam algumas possibilidades de problematizar o museu na cidade para aquelas instituições de tipologias diversas. Para os museus de cidade, além de oferecer o entendimento do museu na cidade, a própria cidade é seu objeto de estudo, conforme explanou Meneses. Nessa perspectiva, faz-se necessário dois movimentos: a incorporação de coleções e objetos dos apagamentos na cidade e a elaboração de narrativas decolonizadoras sobre as populações afrodescendentes, indígenas, quilombolas, lgbtqia+, além de abordar as questões ambientais urgentes no momento atual. Um caminho interessante apontado por Hugues de Varine (2000) seria a identificação de problemas que preocupam a vizinhança do museu ou os moradores de um bairro ou cidade, nos moldes já praticados pelo Museu de Anacostia. Se uma prospecção etnográfica para apurar essas informações pode parecer distante do escopo inicial do museu, o diálogo com associações e coletivos certamente auxiliará no mapeamento dessas questões, situadas no entorno da sede do museu ou mais distantes. A contribuição de Ulpiano Bezerra de Meneses, inspirado em Varine, certamente já surtiu muitos frutos em diversos países e aqui no Brasil. São diversas experiências nas quais a cidade invadiu o museu e se tornou seu principal objeto, a exemplo dos museus comunitários de Porto Alegre (Zen, 2016) e dos museus de favela do Rio de Janeiro, assim como vários museus tem feito da cidade o mote gerador de suas exposições em diálogo com a arte, com os povos indígenas, com afrodescendentes e quilombolas, com os grupos LGBTQIA+ entre outros. Talvez não imaginara o mestre que o mundo daria tantas voltas desde os anos 1980, quando teceu as reflexões deste texto basilar, e que os museus também enveredariam para práticas ousadas e inclusivas de públicos antes distantes dessas instituições. Contudo, resta ainda a indagação para os museus de cidade: estes se constituem como o melhor local para conhecer a cidade na qual estão inseridos? Se a resposta for não, há ainda muito trabalho pela frente.

Referências:

Jaegger, J. & Possamai, Z. R. (2020). Uma biografia musealizada: a coleção de Hugo Simões Lagranha no Museu Municipal de Canoas (RS), *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, 5, 723-739.

Meneses, U. B. (1984). O museu na cidade x a cidade no museu: para uma abordagem histórica dos museus de cidade. *Revista Brasileira de História*, 5, 197-205

Meneses, U. B (2000). Educação em museus: sedução, riscos e ilusões. *Ciências & Letras*, 27, 91-101.

Possamai, Z. R. (2001). *Nos bastidores do museu: patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre*. Porto Alegre: Est Edições.

Possamai, (2021). (Ed.). *Cidade, história & educação*. Porto Alegre: Cirkula.

Varine, H. (2000), O ecomuseu. *Ciências & Letras*, 27, 61-90.

Zen, Ana Maria Dalla. (Ed.). (2016). *Aulas de museu*. Porto Alegre: Editora da UFRGS